

Voltando para Casa: a representação do processo imigratório do nordestino na mídia¹

Ítalo Rômany de Carvalho ANDRADE²

Suely MAUX³

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, PE

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, PB

RESUMO

A imigração nordestina ainda é vista como um fator relacionado à seca ou à pobreza, estereotipado, por exemplo, pela mídia. O nordestino acredita que, ao imigrar, estará deixando um passado de miséria e encontrará um trabalho digno e um lugar que possa sustentar a sua família. E é no Sudeste do país, mais precisamente em São Paulo, que ele irá fixar a sua moradia e iniciar uma vida nova. É o que o Programa do Ratinho, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), mostra através do quadro “Voltando para Casa”, ao ajudar as pessoas que migraram a voltarem para seus lares no Nordeste. O objetivo deste artigo é discutir o processo da imigração a partir do anseio midiático televisivo, debatendo os motivos que levam o nordestino a deixar a terra-natal, as circunstâncias e consequências dessa decisão e o porquê de voltar.

PALAVRAS-CHAVE: imigração; Nordeste; mídia; SBT

Introdução

O Nordeste ainda é uma região de muitas desigualdades sociais, mesmo com os avanços e investimentos que foram realizados nos últimos anos, principalmente no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, a exemplo do próprio Bolsa Família. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea 2013), 5,8 milhões de nordestinos vivem abaixo da linha da pobreza extrema, sobrevivendo com a renda mensal de até R\$ 77, valor limite traçado pelo governo federal.⁴ Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2011) indica que o Nordeste concentra 52,7% do total de analfabetos do

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE. Jornalista formado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email: italoromany@outlook.com.

³ Professora Doutora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), email: suelymaux@gmail.com. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Mídia.

⁴ **Nordeste é única região onde miséria caiu em 2013; Sudeste tem maior alta.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/11/06/nordeste-e-unica-regiao-onde-miseria-caiu-em-2013-sudeste-tem-maior-alta.htm>>. Acesso em: 10 maio 2016.

país. O estudo aponta ainda que 12,9 milhões de brasileiros com mais de 15 anos de idade não sabem ler nem escrever. Destes, 6,8 milhões estão na região Nordeste, que tem taxa de analfabetismo de 16,9%, quase o dobro da média nacional, de 8,6%.⁵

E quando falamos de Nordeste, de forma empírica, logo vem à mente a imagem do pau-de-arara, da seca, do chão rachado, do analfabetismo e da imigração, principalmente quando a região é destacada na mídia, como nas telenovelas brasileiras, a exemplo de *Velho Chico*, da Rede Globo. É uma correlação que foi, por muitos anos, imposta para a região, mesmo sabendo que existe seca e pobreza no Sudeste. Além disso, não podemos esquecer o preconceito existente com o sotaque (não pelo próprio som, mas o que há por trás disso, ou seja, o processo histórico, cultural e econômico) e com a presença dos *paraíbas* nas ruas das cidades *sudestinas*. “O nordestino sofrerá muitos dos preconceitos de que é vítima por estar associados a estas imagens e a estes tipos: o nordestino será visto, quase sempre, como sendo um retirante, um flagelado ou um cangaceiro em potencial” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 89).

E são para essas regiões ricas do país, onde o processo de industrialização é intenso, que os nordestinos procuraram encontrar um lugar que pudesse dar-lhes o sustento e liberdade que acreditavam que não possuíam em suas terras natais. Quem não se lembra dos caminhões em que os imigrantes do Nordeste fugiam das torturas do sertão e da seca em busca de uma vida melhor no sul. Iam precariamente em carrocerias como araras no pau, em viagens longas. Preferiam enfrentar os riscos da viagem e da cidade grande do que ficar em suas regiões. É o que conceitua Povia Neto (1994, p. 22), quando afirma que a

migração pode ser também uma forma de resistência: resistência à forma de exploração e dominação, às adversidades da natureza, à falta de perspectivas de vida; resistência, enfim, ao nível pessoal, à infelicidade e à destruição de sonhos.

Mas a imigração também pode ser entendida como um processo de atração, ou seja, uma escolha racional. Um exemplo é quando um estudante do sertão da Paraíba resolve estudar teatro no Rio de Janeiro para se aperfeiçoar na profissão (muitas vezes iludido pela logomarca TV Globo) ou quando um jornalista recém-formado do estado de Alagoas decide procurar um emprego melhor em São Paulo. É o que pode ser enfatizado, por exemplo, pela música “Imigrantes do Pau de Arara”, do grupo B42.

⁵ **Nordeste concentra 59% da população em extrema pobreza, diz IBGE.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/913829-nordeste-concentra-59-da-populacao-em-extrema-pobreza-diz-ibge.shtml>>. Acessado em: 10 maio 2016.

[...] eu quero liberdade/eu quero forças para voar.../um novo jeito de viver/um novo jeito de pensar/tô me sentindo em outro planeta/ alguma outra civilização/eu tô virando ponta cabeça/ tentando encontrar uma solução/ mas tudo volta, sempre volta, tudo sempre irar voltar/se não vier eu vou pegar de volta/ vou continuar por aqui.

O que a música tenta referir-se é que, na maioria das vezes, o imigrante, que deixa seu pedaço de terra para encontrar sua identidade em outro lugar, muitas vezes decide não voltar, pois não se adaptará mais na localidade que foi criado. No filme “O Céu de Suely” (2006), a personagem Hermila, conhecida como Suely, retorna para sua cidade natal Iguatú – CE após passar um período em São Paulo. Com um filho nas mãos e a esperança do marido retornar em breve, Suely, aos poucos, vai enxergando que aquele não é o local ideal para ela. Tia e avó a acolhem como a filha que enfim retornou, mudada pelas circunstâncias, agora com uma mexa loira no cabelo crespo. Em Iguatú não há acerto de contas, revisões do passado, não há redenções. Hermila só precisa sair novamente desse lugar-nenhum. Não importa onde ela esteja, mas o que vai levá-la dali é a oportunidade de dias melhores.

Entretanto, existe o fator saudade que muitas vezes faz com que o nordestino volte, após viver a dura realidade pelas luzes da cidade grande ou pela riqueza que podia ter conseguido. É o que será discutido mais adiante através do quadro Voltando para Casa, do Programa do Ratinho, SBT.

Nordestino na Mídia: Voltando para Casa

Quando se fala em Nordeste na mídia, não há como não se lembrar da novela Senhora do Destino, da Rede Globo, onde a personagem interpretada pela atriz Suzana Vieira tinha um sotaque nordestino que parecia ser de qualquer lugar, menos do Nordeste. Outro fator preponderante das filmagens é o cenário da seca, como nos filmes Vidas Secas ou Auto da Compadecida. Infelizmente, é a imagem que o mundo compra do Nordeste, não importando se existe algo a mais, disseminando a ideia de que a região é somente isso e ponto final. É o que Chauí (2000, p.67) exemplifica ao dizer que

a divisão natural do Brasil em litoral e sertão dá origem a uma tese de longa persistência, a dos “dois Brasis”, reafirmada com intensidade pelos integralistas dos anos 20 e 30, quando opõem o Brasil litorâneo, formal,

caricatura letrada e burguesa da Europa liberal, e o Brasil sertanejo, real, pobre, analfabeto e inculto.

Claro que o sertão nordestino também é considerado um lugar romântico. Basta ver as obras de Jorge Amado, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos ou as músicas cantadas e interpretadas por Elba Ramalho, Dominginhos e Luiz Gonzaga. É a marca do nordestino ser um povo valente e guerreiro. Leal (1982, p.15) afirma que

muitos buscaram fixar o Nordeste com conotações sociológicas, antropológicas, históricas e políticas, procurando uma autenticidade artística, esconder qualquer sentido comercial nos filmes, para igualá-los à arte o romance de José Américo de Almeida, ao teatro de Ariano Suassuna, à pintura de João Cabral de Melo Neto, à música de Luiz Gonzaga, Caetano Veloso ou de Geraldo Vandré, à tapeçaria de Genero, aos bonecos de Vitalino e aos estudos de Gilberto Freyre e Josué de Castro e também aos protestos de líderes políticos esquerdizantes.

Desafortunadamente, o nordestino ainda é mostrado nos noticiários como alguém que não tem condições financeiras, que vive em casas de taipa, que não tem uma educação de qualidade, um ser analfabeto. O que é visto é o anormal, o diferente, o que chama a atenção de todos. De acordo com o ponto de vista defendido pelo sociólogo Bourdieu (1997, p.159),

o indivíduo nada mais é do que o resultado de sua interação com o meio em que vive. Logo, se este indivíduo reside em uma localidade desfavorecida, as chances de ascensão social do sujeito serão muito reduzidas, restando a ele continuar a lógica do espaço.

O tema imigração também é muito destacado na grande mídia. Um exemplo é o quadro que ficou muito famoso nos anos 2000, no Domingo Legal (SBT), apresentado na época por Gugu Liberato, que se chamava “De volta para minha terra”, que funcionava da seguinte forma: alguém tinha que escrever uma carta com o motivo do qual decidiu partir de sua cidade. Se a história atraísse a atenção da produção do programa, a equipe entraria em contato com *fulano* e então ele teria a oportunidade de voltar para sua terra.

O quadro passou por várias modificações após a saída de Gugu para a Record, que também o levou para seu então novo programa. Em 2013, com o retorno do repórter Fábio Marcos (o repórter que ficou famoso pelas matérias do quadro) ao SBT, mais precisamente ao Programa do Ratinho, o quadro regressou com o nome Voltando para Casa. De acordo com o SBT, o “objetivo principal é levar pessoas que emigraram para os grandes centros e

pretendem retornar à terra-natal. Toda a viagem é acompanhada com imagens, desde a saída da capital até a chegada, mostrando a emoção do reencontro com familiares.”⁶

O quadro virou um grande sucesso, devido ao apelo sentimental que ele propaga. Em geral, são histórias de nordestinos imigrantes, que saíram de suas casas para viverem em São Paulo. Devido às consequências de morar numa cidade grande, resolvem escrever um e-mail para o programa pedindo para voltarem às suas terras. Acreditam que, através dessa ajuda ofertada, eles poderão reiniciar suas vidas com suas famílias em seus aconchegos.

Sujeito in Between

Ao imigrar, o nordestino deixa para trás as lembranças dos familiares e as dificuldades enfrentadas em sua terra-natal, para buscar, em algum lugar, o sustento e as condições necessárias para viver. E isso desmente o conceito de migrar que muitas pessoas impregnaram, como se as pessoas não tivessem escolha ou o poder de decidir.

Nessa transição, muitas vezes, o sujeito vai descobrir que, ao mudar seus hábitos e costumes na cidade nova, não pertence a nenhuma cultura ou identidade. Ou seja, não importa onde esteja, mas o que vai levá-lo é a esperança de dias melhores, denominado como sujeito *In Between* ou entre-lugar. É o que conceitua Bhabha (2003, p.69), quando afirma que essa definição configura o locus da enunciação, um terceiro espaço do discurso, que não pertence a nenhum dos lados envolvidos, mas a ambos.

É significativo que as capacidades produtivas desse terceiro espaço tenham proveniência colonial ou pós-colonial. Isso porque a disposição de descer àquele território estrangeiro pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura internacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura. Para esse fim deveríamos lembrar que é o “inter”- o fio cortante da tradução e da negociação, o entre-lugar – que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite vislumbrar as histórias nacionais, antinacionais, do “povo.” E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos.

De forma geral, pode se dizer que o imigrante *In Between* é a forma de uma nova identidade, de orientação da sociedade, pois ele está em transcendência, podendo significar

⁶ SBT Inscrições – Ratinho – Voltando para Casa. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/inscricoes/ratinho/voltandopraca>>. Acesso em: 28 abr. 2016

novos sinais de orientação da sociedade ou podem estar mostrando a percepção de um ciclo histórico. É o que acontece, por exemplo, quando um jovem precisa mudar seus hábitos para adotar novas práticas. Nesse processo de reconvenção intencional, é preciso uma mudança brusca para pertencer ou se adequar a tal ambiente.

O porquê de migrar

Para a realização deste artigo, foram estudados dois episódios do quadro Voltando para Casa, dos dias 29 de abril de 2016 e 12 de novembro de 2013, ambos apresentados pelo repórter Fábio Marcos. Em geral, cada formato tem em média 20 minutos e é exibido todas as sextas-feiras, a partir das 22h, no Programa do Ratinho, SBT.

Episódio “Muita Emoção no Voltando pra Casa” (29/04/2016)⁷

José Inaldo é um pernambucano da cidade de Ipojuca. Ele não vê os pais há duas décadas. Morou em Pernambuco até completar 22 anos, quando decidiu ir para São Paulo, onde aprendeu a trabalhar como pintor.

Na infância teve uma vida difícil, segundo o repórter, onde não pôde frequentar a escola. Com apenas nove anos enfrentava o trabalho de corte de cana, ganhando meio salário mínimo para ajudar a família. A ida para o Sudeste, para Inaldo, era a forma que encontrou para sair daquela situação.

Inaldo decidiu escrever para o Programa do Ratinho para rever seus pais, que moram atualmente na cidade pernambucana de Cabo de Santo Agostinho. As dificuldades financeiras o impedem de retornar ao Nordeste. “Minha vontade era de dar um abraço bem apertado neles. Nunca perdi a fê”, relata o pintor.

A ideia de Inaldo não é ficar com os pais. Permanecerá somente uma semana, retornando a São Paulo em seguida. Mesmo com a melhoria de vida dos pais e a oportunidade de recomeçar a vida no Nordeste, Inaldo prefere retornar ao Sudeste, onde acredita que, mesmo com os percalços e dificuldades, é o melhor lugar para ele e sua família.

O pernambucano Inaldo, assim, acredita que em São Paulo, mesmo com a vida difícil que leva, é melhor do que viver eternamente em um sítio, sem nenhuma perspectiva

⁷ Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/ratinho/quadros/?id=113665>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

de melhoria de vida. Assim sendo, Inaldo pode ser considerado um sujeito *in between* por não deixar claro qual entre-lugar ele pertence.

Episódio “Quadro Voltando Para Casa emociona no Programa do Ratinho” (03/12/2013)⁸

Rita saiu de Custódia, em Pernambuco, há 40 anos, para buscar uma vida melhor em São Paulo. Devido às dificuldades enfrentadas, pediu a filha que ela escrevesse para o Programa do Ratinho, no intuito de morar perto da casa da mãe. “O pior de tudo foi não estar ao lado do meu pai nos últimos dias de vida dele”, frisou Rita.

Na adolescência, ajudava o pai a carregar lenha. Como não queria viver ali para sempre, aceitou o convite do tio para morar em São Paulo. “Eu era muito apegada ao meu pai. No dia em que fui embora, somente minha mãe me deixou na rodoviária. Meu pai não quis me levar, pois dizia que não ia aguentar.” Há 11 anos que Rita não vê sua mãe.

Em São Paulo, conheceu seu marido, Henrique. Entretanto, seus tios reprovaram o namoro. Rita, desobedecendo a seus familiares, decidiu viver com seu esposo em uma pequena casa. “Na casa dos meus tios tinha de tudo do melhor. Mesmo assim, eu os ajudava com as faxinas que eu fazia para complementar a renda. Infelizmente, tive que sair de casa, pois era o único jeito”, destacou Rita.

Atualmente, Henrique, marido de Rita, está desempregado. O dinheiro vem dos bicos que ele faz nas oficinas mecânicas e das roupas que sua esposa vende. Por ter 58 anos e problemas de pressão, Henrique tem dificuldade em arranjar emprego. Nesse momento, Ratinho interrompe o vídeo comentando o caso. “Eu fico triste em saber que os empresários ficam renegando gente dessa idade. Eu tenho 56 anos e estou na minha melhor forma. Isso é um desrespeito com o ser humano”.

Vivendo em um quarto pequeno doado pelo dono da oficina, localizado na parte de baixo do cômodo, a família de Rita não recusa o convite de Fábio: “Hoje mesmo vocês voltam para Pernambuco.” Após arrumarem as malas, eles viajam para Custódia, um município de 35 mil habitantes, a 400 quilômetros da capital Recife.

No reencontro com a mãe, Rita se emociona com o momento. “Mãe, eu vim para ficar!” Logo após acontece o mesmo ritual. Os patrocinadores doam seus produtos para a família, como antena parabólica, máquina de estampar roupa, cestas básicas, entre outros, e os familiares deixam a famosa saudação ao Ratinho: “Muito obrigado por tudo!”

⁸ Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=so6K98LHzAo>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

Neste caso, vemos que Rita decide ficar com sua mãe, pois não aguentaria ver seus filhos dormir na cozinha por causa do espaço. Vale salientar também a culpa sentida por Rita, por não ter visto seu pai pela última vez, além do medo de acontecer o mesmo com sua mãe. De qualquer forma, a família recomeçará a vida em Custódia, longe das luzes da cidade grande e mais perto da saudade de casa.

Considerações Finais

A decisão de migrar ainda é uma situação difícil para o sertanejo. Mesmo que vá na ânsia de buscar algo melhor para a sua vida, o ato da mudança pode ser duro devido à saudade, como foi exemplificado no quadro Voltando para Casa. Muitas vezes, a ilusão da cidade grande o castiga por ter o sonho de viver melhores dias. Também não há como esquecer os casos em que a pessoa, quando criança, já é ensinada a migrar quando crescer. “Meu filho vai estudar na capital, virar doutor.”

Através dos exemplos citados neste artigo, percebe-se que o nordestino decide migrar por livre e espontânea vontade. Tanto Inaldo quanto Rita não foram obrigados a mudar de cidade. O desejo de ter uma vida mais digna os levaram para São Paulo, mesmo que muitas vezes iludidos. Não importam se estão trabalhando de pedreiro, porteiro ou doméstica, o que interessa é se os filhos estão estudando, se conseguem sustentar e pagar as contas de casa.

Mas essa realidade vem mudando com o decorrer dos tempos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo 2010, os deslocamentos populacionais entre as regiões do Brasil diminuíram nos últimos anos.⁹ Entre 1995 e 2000, 3,3 milhões de brasileiros mudaram de região. O número caiu para 2,8 milhões entre 1999 e 2004 e, posteriormente, para 2 milhões de pessoas, entre 2004 e 2009. Ainda de acordo com o IBGE, o Sudeste perdeu a capacidade de atração populacional, apresentando um saldo negativo de 2004 a 2009. De 1995 a 2000, 969.435 nordestinos deixaram a terra-natal em direção ao Sudeste. O número caiu para 443.962 entre 2005 e 2009. Ou seja, nos últimos anos está ocorrendo o inverso. Os nordestinos estão deixando de imigrar cada vez mais.

De qualquer forma, o sonho de encontrar um lugar para viver, diferentemente de sua terra-natal, ainda é muito forte. Não há como não esquecer o personagem Romão,

⁹ **Migração entre Regiões do Brasil diminui.** Disponível em: [.<http://www.in.pt/PaginaInicial/Brasil/Interior.aspx?content_id=1910783>](http://www.in.pt/PaginaInicial/Brasil/Interior.aspx?content_id=1910783). Acesso em: 05 maio 2016.

interpretado por Wagner Moura, no filme *O Caminho das Nuvens* (2006). Baseado em fatos reais, a obra conta a história de um casal e seus cinco filhos pequenos que percorrem 3.200 km de bicicleta em busca de um sonho. Romão, um caminhoneiro desempregado, deixa o interior da Paraíba e, ao longo de seis meses, atravessa cinco estados até o Rio de Janeiro. Romão submete toda a família às dificuldades da viagem, pois carece de um serviço de mil “real” por mês. Na concepção dele, só assim poderá dar uma vida decente aos seus filhos.

Mesmo que não dê certo, o nordestino pelo menos terá a certeza que lutou até o fim para conseguir mudar de vida. Às vezes, a própria identidade nordestina é adaptada para que eles possam pertencer ao local. As pessoas precisam pertencer, fazer parte de seus novos ambientes para serem aceitos pela sociedade. Por quê, na maioria das vezes, o nordestino, que vive em São Paulo e retorna depois para sua terra-natal, volta *chiando*? O que ele quer é ser feliz, encontrar a tal da felicidade, não importando o preço que pague. A saudade é o que liga o presente com o seu passado. Rita retornou para Pernambuco porque tinha medo de não ver sua mãe novamente, já que o mesmo não aconteceu com o seu pai. Já Inaldo decide somente visitar sua família, pois sua vida, mesmo com as dificuldades que enfrenta em São Paulo, se encontra no Sudeste. Observa-se, portanto, que não estão esgotadas as possibilidades de investigação a respeito do objeto pesquisado.

Estou de volta pro meu aconchego/
Trazendo na mala bastante saudade/
Querendo um sorriso sincero, um abraço/
Para aliviar meu cansaço/
E toda essa minha vontade/
Que bom, Poder tá contigo de novo/
Roçando o teu corpo e beijando você,
/Prá mim tu és a estrela mais linda/
Seus olhos me prendem, fascinam/
A paz que eu gosto de ter/
É duro, ficar sem você/
Vez em quando/
Parece que falta um pedaço de mim/
Me alegre na hora de regressar/
Parece que eu vou mergulhar/
Na felicidade sem fim
(Dominginhos e Nando Cordel. *De volta pro meu aconchego*, 1985).

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **O preconceito contra o nordestino**. In: ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila et alii. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de Lugar. In: _____(Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHAUÍ, M. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Grupo B42. **Imigrantes do Pau de Arara**. Disponível em:
<<http://www.letras.mus.br/b42/744471/>>. Acesso em: 01 maio. 2016.

LEAL, Wills. **O Nordeste no Cinema**. João Pessoa: Ed. Universitária/FUNAPE/UFPB, 1982.

O Caminho das Nuvens. Diretor Vicente Amorim, Brasil, 2003.

O Céu de Suely. Dir. Karim Aïnouz, Brasil, 2006.

POVOA NETO, Helion. A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil. **Travessia: revista do imigrante**, ano VII, nº 19, 1994.